

SUR LA LECTURE DE PROUST: LEITURAS E TRADUÇÕES

Beatrice Távora*

Mary Anne Warken S. Sobottka**

Sheila Maria dos Santos***

RESUMO: Em *Sur la lecture*, prefácio escrito para a tradução de *Sesame and lilies*, de John Ruskin, Marcel Proust expõe sua visão sobre a função crítica e filosófica da leitura, as quais podem ser aplicadas aos Estudos da Tradução, uma vez que todo ato tradutório parte de uma leitura aprofundada do texto-fonte. Ao mesmo tempo, nas considerações de Borges (1985) a leitura se constitui como uma estratégia crítica baseada na supressão da ideia de hierarquia do original sobre a tradução, validando todas as versões de uma mesma obra. No mesmo sentido, Berman (1995) enfatiza a leitura como uma das etapas constituintes da análise de traduções. É a partir desse olhar que apresentamos neste trabalho uma análise comparativa entre o texto-fonte e as traduções brasileira e argentina. Através da apresentação e comentários de diferentes fragmentos, discutimos as soluções tradutórias encontradas por Carlos Vogt (1989) e Pedro Ubertone (2003).

Palavras-chave: Leitura. Tradução. Crítica. Marcel Proust.

RÉSUMÉ: Dans *Sur la Lecture*, préface de la traduction *Sésame et les lys*, de John Ruskin, Marcel Proust expose sa vision sur la fonction critique et philosophique de la lecture, lesquelles peuvent être appliquées à la traductologie, puisque tout acte traductif part d'une lecture approfondie du texte-source. En même temps, selon Borges (1985), la lecture se constitue comme une stratégie critique basée sur la suppression de la notion de hiérarchie de l'original sur la traduction, en validant, ainsi, toutes les versions de la même œuvre. En même sens, Berman (1995) met la lecture en évidence en tant qu'une des étapes constitutives de l'analyse des traductions. C'est à partir de ce regard que nous présentons dans ce travail une analyse comparative entre le texte-source et les traductions brésilienne et argentine. À travers la

* Doutoranda do Programa em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. (PGET/UFSC). Bolsista CAPES. E-mail: tavorabeatrice@gmail.com

** Doutoranda do Programa em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. (PGET/UFSC). Bolsista CAPES. E-mail: warkeneshpanholufsc@gmail.com

*** Professora Adjunta do Curso de Letras-Francês da Universidade Federal de Santa Catarina. Professora no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC). E-mail: dossantos.sheilamaria@gmail.com

présentation et les commentaires de différents fragments, nous discutons les solutions traductives trouvées par Carlos Vogt (1989) et Pedro Ubertone (2003).

Mots-clés: Lecture. Traduction. Critique. Marcel Proust.

ABSTRACT: In *Sur la Lecture*, a preface written for John Ruskin's translation of *Sesame and Lilies*, Marcel Proust sets out his vision of the critical and philosophical function of the reading, which can be applied to Translation Studies since every translation act begins with an in-depth reading of the source text. Besides, Borges (1985) considers the reading as a critical strategy based on the suppression of the idea that the source text is hierarchically superior to its translations, and thus he turns as valid and positive all the versions of the same work. In the same way, Berman (1995) emphasizes the reading as a constitutive step of the translation analysis. It is from this point of view that we present in this work a comparison between the French version of *Sur la lecture* and its Portuguese and Spanish translations. By presenting and commenting several fragments of the work, we shall discuss the different translation solutions found by Carlos Vogt (1989) and Pedro Ubertone (2003).

Keywords: Reading. Translation. Criticism. Marcel Proust

INTRODUÇÃO

O original é infiel à tradução

Jorge Luis Borges

Ler, reler, ler novamente. O que é a tradução senão, em primeira instância, um ato contínuo e aprofundado de leituras? Muito se tem escrito sobre esse vínculo que enlaça culturas, subjetividades, pensamentos e se materializa nas estruturas das línguas. Segundo Antoine Berman (2013, p. 24), é a experiência do traduzir que aprofunda as reflexões sobre a tradução, assim como a leitura nos possibilita estar mais atentos a cada palavra que compõe o texto-fonte, à unidade discursiva, às expressões e aos silêncios. Com efeito, conforme defende Muntaner, "*la traduction est la manière la plus parfaite, la plus complète de lire*" (1993, p. 639).

Marcel Proust é considerado um dos maiores escritores da Literatura Francesa do século XX. Em 1905, portanto, no momento em que iniciava a redação de *À la Recherche du temps perdu* (1919-1927), Proust redigiu um prefácio para a tradução do livro *Sesame and lilies* (*Sésame et les lys*) de John Ruskin, intitulado *Sur la lecture*, no qual expõe sua visão sobre a função crítica e filosófica da leitura. Diferentemente de *À la Recherche du*

temps perdu, que conta com mais de 300 traduções para diversos idiomas, segundo o portal da UNESCO *Index Translationum*, *Sur la lecture* registra apenas seis traduções: ao português do Brasil, ao espanhol, ao catalão, ao alemão, ao croata e ao italiano. Embora tal ferramenta para obtenção de dados historiográficos careça de algumas atualizações, trata-se de um instrumento que permite verificar o movimento de recepção de traduções. Além das traduções de *Sur la lecture* ali registradas, dentre as quais a de Miguel Catalá ao espanhol peninsular, é de nosso conhecimento a de Pedro Ubertone, de 2003, pela editora argentina Libros del Zorzal ao espanhol rioplatense. No que diz respeito ao português, a tradução de Carlos Vogt foi publicada pela editora brasileira Pontes de Campinas, que em 2003 estava na sua 4ª edição.

Com o intuito de desenvolver algumas reflexões sobre as traduções de Vogt (2003) e Ubertone (2003), problematizando as soluções encontradas e suas implicações nos diferentes contextos de chegada, nos valemos dos postulados de Borges (1985) e Berman (1995, 2013), assim como do texto proustiano que nos compete.

A leitura e a crítica de tradução

A tradução é fundamental para o acesso a outras culturas e, de acordo com Berman (1995, p. 68), envolve leituras vastas e diversificadas. No ato da leitura nos aproximamos não apenas do texto-fonte, mas de novas experiências, que podem ser inusitadas, uma vez que estamos nesse contato com o outro em toda sua complexidade cultural. Foi através do ato da leitura que Borges (1985) se propôs a lançar um olhar receptor sobre as traduções, sugerindo a realização de uma operação crítica baseada na supressão da ideia de hierarquia do original sobre a tradução, passando a entender como válidas e positivas todas as versões de uma mesma obra. Em *As versões homéricas* (1932), o autor explicita que para analisar a *Ilíada* e a *Odisséia*, realizou a leitura de cada tradução, eliminando a hierarquia do original e considerando as diferentes versões como diversas perspectivas de omissões e ênfases. Para Borges, “a superstição da inferioridade das traduções [...] procede de uma distraída experiência. Não existe um bom texto que não pareça invariável

e definitivo se o praticamos um número suficiente de vezes.”¹ (BORGES, 1985, p. 239). Com Borges a tradução atinge um novo patamar uma vez que, ao expressar ter lido os clássicos *Ilíada* e *Odisséia* através de traduções, reflete sobre as repercussões incalculáveis de um texto e a importância da leitura de traduções como exercício no campo das letras e de acesso a culturas e línguas desconhecidas. Assim, o escritor promove a tradução e, como afirma Costa, elabora uma metodologia, pois “através da leitura incessante de múltiplas traduções é criada uma instância transcendente, da qual o original passa a ser apenas uma versão, embora a primeira do processo” (COSTA, 2005, p. 171). Nesse processo desenvolvido por Borges, não havia uma preocupação prescritiva e investigativa em busca de equívocos, mas uma procura por:

(...) aspectos que estão em estado virtual no original e só podem aparecer quando se dão em duas condições: que a língua tenha experimentado formas literárias diversas e que o autor traga essas formas para dentro da obra traduzida (COSTA, 2005, p.175).

Para Borges, a tradução “melhora” o original, noção que se relaciona à de que “o tempo às vezes melhora algumas obras ou parte delas” (COSTA, 2005, p.180) e de que a primeira leitura de um livro famoso já seria a segunda pois o abordamos com conhecimento prévio. Através da leitura estaríamos, segundo este autor, entrando em contato com uma escrita e conhecendo novas formas de mundo e de ver esse mundo. Para Borges, assim como para Proust, a leitura, e por conseguinte o leitor, são vistos como elementos “indispensáveis” à construção e concepção de uma obra. A esse respeito, Fernandes comenta que:

Apesar de a ênfase borgiana na originalidade autoral do tradutor ameaçar a possibilidade mesma de que haja traduções – afinal, para que um texto seja uma tradução é necessário que seja percebido como tal – , esse problema pertence ao leitor comum, não ao estudioso da tradução. Para este, abre-se inclusive a oportunidade de um novo objeto de estudo: o clássico traduzido (FERNANDES, 2011, p.21).

¹ “La superstición de la inferioridad de las traducciones [...] procede de una distraída experiencia. No hay un buen texto que no parezca invariable e definitivo si lo practicamos un número suficiente de veces”.

A ênfase na leitura da tradução como tradução e para o leitor especializado, também é mencionada por Antoine Berman (1995, p.65) como primeiro momento de uma análise crítica, na qual o olhar seria deslocado numa tentativa de evitar comparações com o original. Através desta operação, o texto traduzido se afirmaria enquanto tal, demonstrando graus de *consistência imanente*, relacionadas ao domínio das normas de qualidade padrão da escrita da língua receptora, sistematicidade e correlatividade de seus componentes. Esta leitura permitiria o acesso a “zonas textuais” problemáticas e exitosas capazes de orientar um trabalho analítico. Além disso, permitiria também a identificação de um projeto tradutório que, embora não seja necessariamente enunciado discursivamente, definiria a maneira de traduzir. Segundo Berman, esta etapa inicial funcionaria como preparação à confrontação crítica do original que, por sua vez, também seria lido inicialmente de forma isolada e atenta em busca de traços estilísticos, ritmos e correlações sistemáticas paralelamente às leituras colaterais relacionadas ao autor e ao tema.

Em consonância com os princípios previamente elencados, analisaremos duas traduções da obra *Sur la lecture*, de Marcel Proust, um dos escritores mais representativos da Literatura Francesa. Com efeito, segundo Matthieu Vernet “Ninguém duvida que, há muitos anos, Proust se impôs como um autor canônico, até mesmo indispensável, em quem se encontra uma herança nacional e cultural comum, ainda que Molière ou Hugo sejam sem dúvida mais estudados pelo jovem público”²(VERNET, 2013, p. 1). Fato que interfere na forma como seus textos são traduzidos, uma vez que os responsáveis por tais traduções dispõem de um conhecimento prévio sobre ele, fruto da vasta bibliografia dedicada à sua produção literária.

Acrescente-se ainda, no que diz respeito a Proust, ser ele também um leitor tradutor, como atesta seu trabalho com Ruskin, que originou o prefácio sobre o qual nos

² “Nul ne doute que depuis bien des années, Proust s’est imposé comme un auteur canonique, voire comme l’auteur incontournable, chez qui se trouve un héritage national et culturel commun, même si Molière ou Hugo sont sans doute plus étudiés par le jeune public”.

debruçamos. De acordo com Nogueira (2015), em seu artigo “A tradução comentada *sui generis* de títulos de John Ruskin feitas por Marcel Proust”

O trabalho de anotação crítica que Proust realiza paralelamente à redação da tradução resulta numa tradução peculiar, em que o comentário se torna, na França, mais relevante do que o texto original. Embora Proust até tenha tentado se manter fiel à intenção de Ruskin, não realizou o que preconizam certas escolas, segundo as quais o tradutor deve se apagar diante do autor. Proust rivalizou com Ruskin nos dois livros que traduziu (além de rivalizar com os demais estudiosos e tradutores da obra ruskiniana à época); criou seu próprio mosaico de erudição e o sobrepôs ao de Ruskin. Criou, sobretudo, uma tradução híbrida, que mistura ensaio, crítica, autobiografia e tradução, impregnando-se do hibridismo do próprio texto traduzido (que mistura ensaio, crítica, imprecisão e autobiografia ao embaralhamento geral do texto) (NOGUEIRA, 2015, p.129).

Portanto, com base nas reflexões acima apresentadas, analisaremos a seguir trechos das traduções de Proust ao espanhol e ao português, assinadas por Ubertone (2003) e Vogt (2003), respectivamente, cotejando-as com o texto-fonte.

As traduções de *Sur la lecture* ao português e ao espanhol

O texto *Sur la lecture* é um prefácio, publicado em 1905, para a tradução de *Sesame and Lilies*, de John Ruskin, no qual Proust disserta sobre a função da leitura, partindo de reminiscências de sua infância passadas junto a um livro. É um texto com linguagem acessível, agradável, que aproxima o leitor do sentir e do pensar sobre a prática da leitura a cada fragmento. A edição da tradução brasileira assinada por Carlos Vogt contém um total de sessenta páginas que incluem notas finais. Na apresentação da tradução brasileira, adverte-se que o texto, inicialmente pensado para ser uma introdução à outra obra, ganha nessa ocasião seu lugar como uma obra independente. A tradução em espanhol, por sua vez, traduzida por Pedro Ubertone, é apresentada em sessenta e nove páginas, acompanhada de uma cronologia sobre a vida de Marcel Proust, sem paratextos.

Tomando como base essas duas versões, propomos no presente trabalho um cotejo com o texto-fonte, observando e discutindo as soluções encontradas pelos tradutores.

Assim, é a leitura de uma leitura que nos interessa problematizar, considerando que, no texto de Proust, a linguagem se entrelaça com os sentimentos resgatados pela memória e um passado se faz presente na descrição detalhada dos objetos e das sensações que provocam o leitor. Esses elementos podem ser relacionados ao mesmo ato de ler e retomar, mais uma vez pela linguagem, o prazer do sentir. O fragmento a seguir ilustra a diferença na construção de imagens em cada tradução:

PROUST, 1993, p. 8	UBERTONE, 2003, p. 11	VOGT, 2003, p. 11
(...) là, tout près, dans l'unique allée du jardinet qui bordait de briques et de faïences en demi-lunes ses plates-bandes de pensées : des pensées cueillies, semblait-il, dans ces ciels trop beaux (...)	(...) allá, bien cerca de la única calle del jardincito que bordeaba de ladrillos y porcelanas en medialunas sus arriates de pensamientos, recogidos, parecía, en esos cielos demasiados bellos (...)	(...) ali, bem perto, na única aléia do jardimzinho que margeava com tijolos e faianças em meias-luas suas platibandas de amores-perfeitos: amores-perfeitos colhidos, parece, nesses céus tão bonitos (...)

Podemos observar a diferença especialmente neste fragmento: “*medialunas sus arriates de pensamientos*” e “meias-luas suas platibandas de amores perfeitos: amores perfeitos colhidos”. No espanhol, o texto ficou mais curto, uma vez que não possui repetição de palavras, como ocorre no texto-fonte, além de ter eliminado o ponto-vírgula que separava tal repetição. Ademais, faz-se pertinente destacar a alteração semântica operada na tradução brasileira de Vogt, onde “*pensées*” torna-se “amores perfeitos”, em uma tradução que se distancia semanticamente do texto-fonte, embora mantenha a repetição e a pontuação do texto proustiano, inexistente na tradução de Ubertone.

Para Álvaro Faleiros “ao lado do seu sentido lógico, as palavras são encaradas em seu sentido mágico e encantatório, elas são consideradas por suas formas, suas emanações sensíveis, suas qualidades vibratórias, seus sons e seus ruídos. É justamente nesse limite

que se encontra a poesia” (FALEIROS, 2012, p. 143-144). Em cada um dos idiomas, a sonoridade das palavras, de sua repetição, elabora um ritmo que confere a esse fragmento características de prosa poética. Assim, como podemos observar, é tarefa do tradutor perceber essas nuances e dentro do seu projeto de tradução identificar os elementos poéticos nos textos narrativos. A linguagem e estilo do autor devem ser observados e conhecidos pelo tradutor, como ressalta Fernando Py, que retraduziu *Em busca do tempo perdido* e enfrentou a tarefa de “reproduzir em português a fluência musical de cada frase, a simetria e as comparações metafóricas, principais desafios em matéria de tradução literária sem falar da extensão dos parágrafos de Proust” (PY, 2010). Segundo Py:

A tradução de Proust exige um cuidado e uma atenção muito grandes, no sentido de respeitar algumas das características principais do seu estilo: as frases longas, longuíssimas por vezes, a cadência musical dessas frases, com técnica peculiar e pausas significativas. A língua em si não foi um grande obstáculo. Ao contrário de Joyce, Proust utiliza um francês mais acessível, ao não fabricar neologismos nem usar esfoliações de vocábulos. (PY, 2010).

Em Proust, há uma preocupação com a descrição dos prazeres da leitura, atividade que proporciona tamanho deleite que até mesmo a rotina diária a ameaçava. O trecho a seguir, repleto de sensações assim como o anterior, descreve aqueles rituais familiares intermináveis, empecilhos para o leitor ávido por desfrutar cada página de sua obra favorita. As traduções, por sua vez, proporcionam diferentes percepções, como se observa em:

PROUST, 1993, p. 10	UBERTONE, 2003, p. 13	VOGT, 2003, p.12
---------------------	-----------------------	------------------

« Allons, ferme ton livre, **on va déjeuner.** » Tout était prêt, le couvert était entièrement mis sur la nappe où manquait seulement ce qu'on n'apportait qu'à la fin du repas, l'appareil en verre où l'oncle horticulteur et cuisinier faisait lui-même le café à table, tubulaire et compliqué comme un instrument de physique qui aurait senti bon et où c'était si agréable de voir monter dans la cloche de verre l'ébullition soudaine qui laissait ensuite aux parois empuées une cendre odorante et brune ; et aussi la crème et les fraises que le même oncle mêlait, dans des proportions toujours identiques, s'arrêtant juste au rose qu'il fallait avec l'expérience d'un coloriste et la divination d'un gourmand. Que le **déjeuner** me paraissait long !

“Vamos, cierra tu libro, **es hora de almorzar.**” Todo listo, los cubiertos estaban puestos sobre un mantel en donde solamente faltaba que trajeran, al final de la

comida, el aparato de vidrio con el que el tío horticultor y cocinero hacía

café, artefacto tubular y complicado como un instrumento de física que olía y donde era tan agradable ver subir a través de la campana de vidrio la

ebullición repentina que dejaba luego en las paredes brumosas una ceniza

perfumada y morocha; y también la crema y las fresas que el mismo tío

mezclaba, en proporciones siempre idénticas, deteniéndose justo en el rosa que se buscaba con la experiencia de un colorista y la adivinación de una goloso. ¡Qué largo me parecía el **desayuno!**

“Venha, feche seu livro, **vamos almoçar**”.

Tudo estava pronto, os talheres inteiramente postos sobre a toalha, faltando apenas o aparelho de vidro que não aparecia senão no final da refeição e no qual o tio horticultor e cozinheiro fazia ele próprio o café na mesa, tubular e complicado como um instrumento de física de cheiro bom e no qual era tão agradável ver subir na campânula de vidro a ebulção repentina que deixava em seguida nas paredes embaçadas uma borra cheirosa e marrom; e também o creme e os morangos que o mesmo tio misturava, em proporções sempre idênticas parando justo no rosa que era preciso atingir com a experiência de um colorista e a adivinhação de um apreciador. Como o **almoço** me parecia longo!

As duas traduções nos trazem à memória a rotina da infância do autor, o encontro familiar com hábitos que se repetem e em torno dos quais a família se aproxima. Quase

sentimos o aroma do café e a suavidade dos morangos degustando-os em nossos pensamentos ao mesmo tempo em que compartilhamos a agonia daquele tempo infundável que afastava o leitor de seu livro. Esse ritual, no entanto, parece assumir aspectos diferentes no espanhol e no português. Há nas traduções um certo tom que as diferencia. No português, o convite à mesa é realizado de forma análoga ao texto proustiano: “vamos almoçar”, no texto-fonte “on va déjeuner”, mantendo, portanto, sua estrutura sintática, ao passo que no espanhol, a estrutura frasal é alterada em “es hora de almorzar”, realizando, novamente, uma tradução de cunho mais livre, que privilegia o sentido à forma.

Em ambos os casos, a tradução também permite observar a sintaxe das línguas de forma contrastiva, assim como a complexa questão que relaciona as refeições e seus horários e que implica em um conhecimento das culturas envolvidas. No Brasil, país para o qual a tradução ao português se destina, costuma-se de maneira geral realizar três refeições principais ao longo do dia: a primeira, pela manhã, denominada “café da manhã”, a segunda, normalmente às doze horas, designada “almoço” e, à noite, por volta das vinte horas, uma terceira conhecida como “jantar”. Nos países hispânicos, porém, essa rotina costuma ser diferenciada, de acordo com cada país. Caso peculiar é o da Espanha, no qual a refeição matinal costuma ser realizada igualmente cedo, e se chama “desayuno”. Aquela que no Brasil é feita às doze horas, por lá nunca acontece antes das quatorze horas e trinta minutos e se chama “almuerzo” e o jantar, denominado “cena” sempre tem lugar depois das vinte e uma horas. Na Argentina, entre sete e meia e nove horas da manhã acontece o “desayuno”, a “comida” ou “almuerzo” entre as doze e quatorze horas e a “cena” entre vinte e uma e vinte e duas e trinta.

Em que pesem as diferenciações de horários e terminologias, parece haver na tradução ao espanhol uma incoerência, uma vez que o parágrafo que inicia a descrição da refeição anuncia o convite para a hora de “almorzar” e termina enfatizando a duração do “desayuno”. Na tradução ao português, no entanto, a coerência é mantida através da relação “almoçar/almoço”.

Paulo Henriques Britto em seu livro *A Tradução literária* adverte que “a delimitação entre conceitos próximos, dentro de um mesmo campo semântico, se faz de modo diferente em línguas diferentes” (BRITTO, 2012, p. 14). Britto comenta as diferenças entre o idioma inglês e o português, especificamente com respeito às refeições, e destaca que no português é a hora que deve ser considerada e que vai marcar o que será almoço ou jantar.

Outro exemplo relacionado aos hábitos alimentares e que se apresenta nas traduções, pode ser encontrado no seguinte fragmento:

PROUST, 1993, p. 23	UBERTONE, 2003, p. 23	VOGT, 2003, p. 20
Je n'étais pas depuis bien longtemps à lire dans ma chambre qu'il fallait aller au parc, à un kilomètre du village ¹ . Mais après le jeu obligé, j'abrégeais la fin du goûter apporté dans des paniers et distribué aux enfants au bord de la rivière, sur l'herbe où le livre avait été posé avec défense de le prendre encore. (...) Je laissais les autres finir de goûter dans le bas du parc, au bord des cygnes, et je montais en courant dans le labyrinthe jusqu'à telle charmille où je m'asseyais (...)	Yo estaba leyendo en mi cuarto desde hacía poco y ya había que ir al parque, a un kilómetro de la aldea. Pero después del juego obligado, abreviaba el final del té traído en cestos y distribuido a los chicos al borde del río, sobre la hierba en donde el libro había sido dejado junto con la orden de no tomarlo todavía. [...] Yo dejaba a los otros terminar de tomar el té en el bajo del parque, al borde de los cisnes, y subía corriendo por el laberinto hasta la enramada en donde me sentaba [...].	Não fazia muito tempo que lia no quarto e já era preciso ir ao parque, a um quilômetro da vila. Mas após o jogo obrigatório, eu abreviava o fim da merenda trazida em cestos e distribuída às crianças às margens do rio, sobre a relva onde o livro tinha sido posto ainda com a proibição de que fosse retomado.[...] Eu deixava os outros terminarem de lanchar na parte baixa do parque, à margem dos cisnes, e subia correndo no labirinto até uma alameda onde eu me sentava [...].

Como se observa, a interferência das atividades diárias no desejo de leitura é novamente enfatizada. Porém, são delineados contornos diferentes, situados nos contextos de cada cultura. A opção por “merenda” no português, assim como em francês, remete ao lanche entre as refeições principais e que pode ser realizado pela manhã, no meio ou final da tarde ao passo que “tomar el té” relaciona-se ao hábito de alimentação ao final da tarde, possível herança europeia uma vez que a gastronomia argentina se incrementou com estas influências em razão do forte movimento de imigração, neste caso inglesa, ao longo do século XIX. Acrescente-se ainda o fato de a cultura da erva-mate ser tradicional, muito antiga e popular naquele país onde o costume de ingerir a bebida está cercado por um ritual de reunião, configurando-se como momento de conversa e oportunidade para relaxar.

Nas duas traduções aqui analisadas, notam-se projetos tradutórios que privilegiam aspectos culturais dos contextos de chegada, vinculando-se à seleção de elementos linguísticos que evidenciam as leituras efetuadas por cada tradutor em particular.

Considerações finais

A partir do entendimento da leitura como elemento fundamental para o ato crítico do trabalho tradutório e com base na perspectiva de Borges (1985) que propõe a supressão da ideia de hierarquia do original sobre a tradução e preconiza como válidas e positivas todas as versões de uma mesma obra, propusemo-nos no presente trabalho a discutir alguns aspectos das traduções de *Sur la lecture*, de Marcel Proust, ao português e ao espanhol.

Através da apresentação de diferentes fragmentos foi possível observar as distintas soluções tradutórias para a construção de imagens motivadas por projetos tradutórios que enfatizam aspectos culturais. A leitura e a releitura dos excertos selecionados possibilitaram o reconhecimento de uma preocupação com a construção poética nos textos traduzidos que, embora voltada para as culturas de chegada, despertasse a multiplicidade de sensações evocadas pelo estilo proustiano. Observou-se, igualmente, a

presença de incoerências em determinadas escolhas da tradução ao espanhol, que não ocorrem na tradução ao português, tampouco constam no texto-fonte.

Nas traduções de Vogt (1989) e Ubertone (2003), identificamos estratégias e percepções do texto proustiano em consonância com a leitura e o trabalho autoral do tradutor, sua visão particular e leitura idiossincrática de determinada obra. Foi possível constatar que o tradutor estabelece um compromisso autoral com sua tradução, pois, através de suas escolhas, pode enfatizar e ressaltar determinados aspectos no texto traduzido, assim como provocar apagamentos ao posicionar-se. Da mesma forma, o tradutor pode estabelecer mecanismos de compensação em sua leitura, que ora desconsideram elementos vinculados à cultura, à sonoridade do texto e às imagens poéticas de uma narrativa e ora recuperam estes elementos considerando os efeitos pretendidos no contexto de chegada. Ao lermos um texto de Proust, seja ele em espanhol ou em português, é a cultura francesa e o que sabemos desta que se impõe de certa maneira, nas cenas de uma refeição, ou no fragmento poético problematizado.

Assim, foi possível identificar na análise aqui empreendida, dois projetos tradutórios com distintas aproximações, que nos entregam diferentes percepções da obra proustiana e partem de visões distintas sobre o objetivo da tradução e seus componentes essenciais, o que evidencia a tradução como forma de leitura.

Referências

- BERMAN, A. **A tradução e a letra ou o albergue do longuíquo**. Tradução Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. 2 ed., Tubarão: Copiart. 2013.
- BORGES, J. L. Las versiones homéricas. In: **Obras Completas**, Buenos Aires, Emecé, 1985.
- BRITTO. P.H. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.
- CALDAS, A. L. **Proust em dois tempos: as miragens do texto**. Lathé Biosa, Porto Velho, ano 1, n. 64, p. 1-6, 2001. Disponível em: <<http://www.unir.br/~primerira/artigo64.html>>. Acesso em: 07 set. 2009.
- COSTA, W.C. Borges, o original da tradução. Florianópolis: **Cadernos de Tradução** - Revista da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa

Catarina, nº15, v.1, 2005. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6587>>, acesso 28.05.2017.

FALEIROS, Á. **Traduzir o poema**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

FERNANDES, F. S. O clássico traduzido: Jorge Luis Borges sobre leitura e tradução. **Nonada Letras em Revista**. Porto Alegre, ano 14, n. 16, p. 9-23, 2011

MONTEIRO, J. C. N., Ruskin traduzido: **Sesame and Lilies por Proust e Catalán** [Tese de doutorado - Orientador prof. Walter Carlos Costa] UFSC: Programa de Pós-graduação em literatura, 2009, disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92821/268680.pdf?sequence=1>>, acesso 21.05.2017.

MUNTANER, P. J. La traduction comme création littéraire. **Meta**, 38/4 : (1993). p. 637-642.

NOGUEIRA, L. P. A tradução comentada *sui generis* de títulos de John Ruskin feitas por Marcel Proust. Belo Horizonte: **Revista Aletria**, v.25, n.2, p. 123-137, 2015
Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/8602/8627>
Acesso em: 23 de maio de 2017.

MENDES, T. Os desafios da tradução dos clássicos da literatura universal, entrevista com Fernando Py. **Jornal do Brasil** [online], Rio de Janeiro, 10 de abril de 2010, às 15h55min. Disponível em:

<<http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2010/04/10/os-desafios-da-traducao-dos-classicos-da-literatura-universal/>> Acesso em: 10 de julho de 2017.

PROUST, M. **Sobre a leitura**. Tradução de Carlos Vogt. Campinas, SP: Pontes, 4ª edição, 2003.

PROUST, M. **Sobre la lectura**. Tradução de Pedro Ubertone. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003.

VERNET, M. Comment lire Proust en 2013 ?, **Acta fabula**, 2. 14 (2013) « *Let's Proust again!* ». 22/05/2019. <http://www.fabula.org/revue/document7578.php>